

Morte

Giovanni Casertano

Por Markus Figueira da Silva

O livro *Morte* do professor de História da Filosofia Antiga na *Università degli studi di Napoli "Federico II"*, Giovanni Casertano, é um estudo introdutório e bastante esclarecedor do sentido fundamental de pensar a morte enquanto finitude no âmbito da filosofia pré-socrática e no pensamento de Platão. Nele, o autor prima por percorrer e reconstruir um conjunto de reflexões que se estende de Tales a Platão e visa apresentar os problemas de uma questão complexa e esfacelada nos textos fragmentários dos primeiros pensadores e o patamar que tal reflexão alcança na obra platônica.

A arquitetura do livro revela questões que vão desde a definição de filosofia no sentido originário grego, passando pela prospectiva parmenídea, pelas dimensões emotiva, dramática e serena da morte, pela relação entre discurso e mito, pela articulação entre amor, morte, vida e imortalidade, até a ascese ao belo e o horizonte da liberdade. Traz também uma excelente bibliografia e um glossário que ajuda muito a compreender os termos técnicos gregos. Neste sentido, descobrimos na leitura deste livro o sem número de questões que ainda estão por serem esclarecidas e a riqueza presente nas análises conceituais.

A morte é um tema primordial nos questionamentos que os homens de todos os tempos fazem acerca de si próprios, da natureza humana e do sentido da existência humana. Mas a maneira como os primeiros pensadores encaminharam suas especulações foge ao domínio antropológico e espraia-se na *physiologia* e na ontologia. Antes foram levados a pensar no sentido de ser da realidade enquanto todo, totalidade existente: o vir a ser e o deixar de ser. No horizonte destas especulações se mostrava o interesse em pensar o insondável e costurar algum sentido para a compreensão do homem acerca dele mesmo

e do sentido dele existir e ainda o valor dessa existência. O binômio vida/morte é investigado sob o ponto de vista da contrariedade e também sob o ponto de vista da complementaridade, sendo um mesmo processo aquele que vai da morte para a vida e aquele que vai da vida para a morte. Em Heráclito encontra-se uma interpretação fenomênica da morte, enquanto nos pitagóricos emerge um visão mítica da imortalidade.

A história da noção de alma está diretamente ligada ao desenvolvimento das investigações em torno da morte e da imortalidade. Os discursos se multiplicaram mas o mistério permanecia. E saber-se mortal não basta quando se desconhece a morte. A filosofia segue o seu curso entre os gregos tecendo analogias entre o visível e o invisível atendo-se aos limites da linguagem, as vezes tecendo mitos, outras vezes mostrando que são inconsistentes.

Em Platão, a questão da imortalidade da alma recebe um tratamento singular no diálogo *Fédon*, onde aparecem argumentos que trazem à tona aspectos da discussão pré-socrática e ridiculariza certas crenças infundadas. Neste diálogo, Platão habilmente articula os argumentos dos contrários e das idéias para dar profundidade à difícil compreensão da alma e da sua imortalidade. Em todo caso, a morte está presente também nas reflexões sobre o amor e sobre o sentido de filosofar. Entrelaçam-se assim noções que para a maioria das pessoas são divinas e por isso insondáveis, mas que aos olhos desejantes daqueles que filosofaram e ainda hoje se ocupam da filosofia são divinas e por isso precisam ser pensadas.

Mais que tudo, dar uma atenção especial ao tema da morte na filosofia antiga e apontar as conseqüências deste pensamento para todas as épocas e a sua indiscutível atualidade, pareceu-nos ter sido o propósito do autor e, sem sombra de dúvida, o seu maior alcance.